

O INCONSCIENTE LACANIANO

Joyce Bacelar Oliveira*

RESUMO:

Este artigo apresenta a estrutura do inconsciente lacaniano desde sua formação, com o advento do Sujeito desejante, até seus desdobramentos na vida do Sujeito. Para tanto, o artigo aborda a influência do conceito do inconsciente descoberto por Freud e conceitos da Linguística na elaboração da estrutura do inconsciente em Lacan. Desta forma, o artigo estabelece a relação entre os mecanismos inconscientes freudianos de condensação/deslocamento e representante ideacional juntamente com os conceitos da Linguística de metáfora/metonímia e significante/significado, os quais deram uma nova configuração ao inconsciente freudiano, permitindo, assim, uma visão mais ampla dos processos inconscientes na vida do Sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Inconsciente. Lacan. Freud. Linguística. Sujeito

* Psicanalista. Graduada em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é mestranda em Teoria Psicanalítica na UCL (University College London), Londres - Inglaterra. E-mail: joycebacelar@gmail.com.

O inconsciente não é o primordial nem o instintivo e, de elementar, conhece apenas os elementos do significante.

(Lacan, 1957, p. 526)

Introdução

Uma das marcas de Lacan em seu retorno a Freud é o estabelecimento de uma estrutura para o inconsciente e os desdobramentos que a nova abordagem permite. O psicanalista francês formalizou os mecanismos de condensação e deslocamento, visando estabelecer um diálogo com a Linguística, obtendo assim uma ideia mais ampla sobre o funcionamento do inconsciente. Lacan representou esses mecanismos na sua teoria através dos conceitos linguísticos de metáfora e metonímia respectivamente, aquilo que já havia sido feito pelo linguista Roman Jakobson na análise do discurso. Entretanto, Lacan estabeleceu uma conexão dos conceitos de metáfora e metonímia com as noções saussurianas de significante e significado, a partir das investigações a respeito do conceito de sintoma¹ que Freud primeiramente elaborou em *Estudos sobre a Histeria* (1893), *A Interpretação dos Sonhos* (1900), assim como os casos relatados em *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901) e *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente* (1905). Para tal formalização, Lacan usou a topologia, possibilitando a demonstração da dinâmica dos significantes nos gráficos, isto é, a maneira pela qual as palavras se combinam no discurso do Sujeito para significar algo que não está consciente. Esta dinâmica constitui os processos inconscientes de metáfora e metonímia, através da substituição e combinação dos significantes na rede significativa do discurso. Ao longo do texto, demonstrarei os desdobramentos que as formulações lacanianas permitem na sua teoria do inconsciente.

A Linguística

Após Freud ter elaborado as estruturas do discurso psicanalítico na *Interpretação dos Sonhos* (1900), Roman Jakobson utilizou na análise do discurso as figuras de linguagem metáfora e metonímia, fazendo referência aos processos de condensação e

¹ O conceito de sintoma foi inicialmente abordado sob a influência do sentido sintomatológico da medicina em *Estudos sobre a Histeria* (1893) e, mais tarde, elaborado, adquirindo uma forma conceitual mais psicanalítica.

deslocamento. Para Freud, condensação é um mecanismo inconsciente pelo qual as palavras e as imagens referentes aos conteúdos latente e manifesto são comprimidas, criando novas ideias das coisas. Deslocamento, por sua vez, é o mecanismo pelo qual os afetos² são ligados a diferentes ideias que não são as ideias que lhe deram origem, mas estão associadas a elas de alguma forma. Jakobson utilizou os conceitos freudianos de condensação e deslocamento para desenvolver sua técnica de análise do discurso e, com base neles, usou metáfora e metonímia no seu artigo *Dois Aspectos da Linguagem e dois Tipos de Afasia* (1956), para explicar dois tipos clínicos de afasia baseados nas disordens que afetam a articulação e compreensão da linguagem. Contudo, Jakobson limitou-se à análise no campo da Sêmantica, sem considerar o discurso produzido através da associação livre. A abordagem lacaniana, por sua vez, preocupou-se com a articulação do discurso, com a fala do indivíduo em decorrência das expressões inconscientes.

Lacan partiu do princípio de que o inconsciente, formado daquilo que foi reprimido pelo sujeito, emerge através do discurso do Sujeito na experiência analítica. O conteúdo inconsciente se mantém latente até que transformado em conteúdo manifesto através dos mecanismos de metáfora e metonímia, associados com a dinâmica dos significantes. Os termos “significante” e “significado”, elaborados por Saussure no *Curso de Lingüística Geral* (1915), ajudaram Lacan a formalizar os processos de metáfora e metonímia no inconsciente, e a examinar como os indivíduos entram na linguagem e se tornam Sujeitos.

A Linguística na teoria de Lacan

Lacan avançou nas suas formulações sobre o inconsciente em seu seminário *As Formações do Inconsciente* (1958), no qual elaborou que metáfora é um processo de seleção vertical - o qual implica a substituição das palavras na cadeia significante do discurso - um meio criativo que repõe, comprime e cria novas palavras na cadeia em determinado momento no tempo, isto é, em uma dimensão sincrônica. Metonímia, por sua vez, é um processo horizontal de combinação das palavras na cadeia significante, em que um significante desliza para outro, em uma dimensão diacrônica, uma cadeia de eventos sucessivos. A fim de tratar da importância da dimensão diacrônica, que se refere à sequência de diferentes eventos

² O termo afeto usado em psicanálise não deve ser confundido com emoção. A partir da teorização freudiana, afeto refere-se a um investimento intra-psíquico envolvido em diferentes registros que compõem a memória.

embutidos no discurso do Sujeito, é crucial chamar atenção também para a dimensão sincrônica do significante, já que ela envolve a possibilidade inerente de substituição em uma circunstância particular em um determinado momento. Neste sentido, toda articulação significante implica cadeias discursivas bi-dimensionais, baseadas em duas operações simultâneas.

Quando Lacan tomou as noções freudianas de condensação e deslocamento para sua teoria do inconsciente, ele também utilizou o conceito de Freud de representantes ideacionais para desenvolver sua teoria. Freud formulou o conceito de representantes ideacionais para dar nome às expressões inconscientes daquilo que sofreu repressão. Portanto, na teoria lacaniana, como já mencionado, os mecanismos de condensação e deslocamento estão representados por metáfora e metonímia, respectivamente, enquanto os representantes ideacionais são representados pelos significantes.

De acordo com Lacan, metáfora e metonímia são efeitos de linguagem e são o resultado do trabalho de repressão que acontece no inconsciente. Para a psicanálise, repressão é um mecanismo pelo qual determinadas situações de difícil manejo na vida do Sujeito são suprimidas da memória como, por exemplo, os desejos edipianos, e, conseqüentemente, representadas por significantes através dos processos de metáfora e metonímia. Os efeitos de linguagem revelam simbolicamente ao Sujeito a causa da sua repressão primordial, permitindo, desta forma, uma subjetivação da realidade ao seu redor, que ocorre no momento em que o Sujeito consegue significar as circunstâncias em sua volta, criando, assim, um entendimento simbólico de perdas e faltas.

Efeito de linguagem, por nascer dessa fenda original, o sujeito traduz uma sincronia significante nessa pulsação temporal primordial que é o *fading* constitutivo de sua identificação. Esse é o primeiro movimento. Mas, no segundo, havendo o desejo feito seu leito no corte significante em que se efetua a metonímia, a diacronia (chamada “história”) que se inscreveu no *fading* retorna à espécie de fixidez que Freud atribui ao voto inconsciente (Lacan, 1960, p. 849).

O Sujeito Lacaniano

A existência do Sujeito lacaniano acontece a partir do advento do inconsciente que é o resultado da castração. A formação do inconsciente é ocasionada quando um primeiro significante, que representa uma situação insustentável para a criança, sofre repressão. Caso não houvesse castração, a criança seria apenas capaz de formar conceitos e hipóteses usados para dar conta da realidade em sua volta, porém, sem uma dimensão subjetiva dessa realidade, como acontece na psicose. É verdade que a linguagem, assim como a dimensão simbólica, pré-existe o Sujeito, dessa forma o seu nascimento já é marcado por uma inscrição simbólica. Contudo, o discurso do inconsciente é o que funda a estrutura do Sujeito. Como diz Lacan (1957, p. 498): “Também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio”.

Lacan formulou que o discurso do inconsciente, a verdade lógica sobre o desejo do Sujeito, se instaura a partir da metáfora paterna, também conhecida como *O Nome do Pai*. A metáfora paterna é que faz a mediação da lei responsável pelo funcionamento da sociedade, permitindo que a criança tenha acesso à ordem simbólica, ou seja, às regras e à estrutura da sociedade. Portanto, o processo psíquico no desenvolvimento da criança, iniciado pela metáfora paterna, faz com que a criança se constitua como Sujeito e tenha acesso ao registro simbólico, o que também estabelece a divisão psíquica do Sujeito. A metáfora paterna é sustentada primeiro pela repressão do significante primordial, o falo imaginário que a criança tenta ser para sua mãe, segundo, em uma substituição desse significante, e, finalmente, no advento do inconsciente ou do Sujeito desejante.

Através das suas investigações sobre a emergência do Sujeito, Lacan deu-se conta de que a divisão do Sujeito é um elemento essencial para fundar a subjetividade e permitir a formação do inconsciente. Uma vez que o Sujeito é inserido na ordem simbólica, torna-se dividido ou barrado, ou seja, parte dele é reprimida por causa da interdição do seu desejo primordial. Isto significa dizer que a criança é interditada de ser o objeto de desejo da mãe através da lei simbólica que a metáfora paterna substancia. Esta lei é ativada pela substituição do primeiro significante, o significante do desejo da mãe (falo), pela metáfora paterna. Em outras palavras, no lugar de objeto fálico imaginário de sua mãe, ou seja, o objeto que complementa a falta da mãe enquanto Sujeito desejante, a criança, a partir da castração, faz uma manobra simbólica para ter o falo. Como consequência desse movimento subjetivo, a criança renuncia à experiência de ser o falo da mãe e encontra substituição ou representação

para este lugar através do significante da metáfora paterna. Portanto, uma vez que o Sujeito passa pela metáfora paterna, ele abandona o lugar de objeto do desejo de sua mãe.

Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita?

Sua presença só pode ser compreendida num grau secundário da alteridade, que já o situa, a ele mesmo, numa posição de mediação em relação ao meu próprio desdobramento de mim comigo mesmo como também com o semelhante (Lacan, 1957, p. 528-529).

Nesse sentido, a linguagem simboliza, metaforicamente, o primeiro objeto de desejo que se tornou o objeto perdido, também conhecido como o significante primordial que sofreu repressão. Portanto, a linguagem é usada para significar algo que está além do que é anunciado pelo Sujeito, uma vez que o objeto de desejo fundador foi perdido na substituição pelo significante da metáfora paterna. Porém, de acordo com Lacan, o desejo fundamental sempre tentará um retorno por ter sido transformado simbolicamente em linguagem. O efeito dessa transformação não permite que o significante tome forma de significado, em vez disso, o desejo entra em um movimento metonímico causando seu perpétuo deslocamento. Sendo assim, o desejo é impossível de ser realizado e está sempre insatisfeito. A metáfora paterna dá ao Sujeito a condição de ser desejante, porém, o benefício desta condição é apenas alcançado em uma nova alienação³, pois a essência original do desejo está perdida. Consequentemente, Lacan concluiu que o desejo é apenas representado por significantes do *Outro*.

O Outro como Linguagem e o Outro como Desejo

Lacan formulou o conceito de *Outro* para representar o lugar designado por uma autoridade subjetiva na vida do Sujeito. Dessa forma, segundo a conceitualização lacaniana, o inconsciente é o discurso do *Outro*, da mesma forma que o desejo do Sujeito é o desejo do *Outro*. Isto é, em procurando reconhecimento, o Sujeito é alienado ao desejo do *Outro* e, sendo assim, ele adota uma posição de sujeição ao *Outro* enquanto linguagem e ao

³ O termo alienação em Lacan é usado para descrever a condição do Sujeito de reconhecer a si mesmo através do *Outro*. Ou seja, é usado como uma inferência à condição de identificação do Sujeito com o *Outro*.

Outro enquanto desejo, uma vez que a linguagem e o desejo do Sujeito vêm do *Outro*, como efeito da castração. Além disso, o desejo nunca é satisfeito, uma vez que o desejo primordial tornou-se linguagem e o desejo do *Outro* é representado apenas através de significantes. Por isso, o desejo é sempre metonímico, deslocando-se de uma ideia para outra. No seu artigo *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960), Lacan formulou que o desejo é articulado no discurso ético, o discurso do inconsciente no qual a verdade subjetiva do desejo do Sujeito aparece, mas ele não é articulável no discurso psicológico, isto é, de forma manipulativa e direcionada. Consequentemente, Lacan estabeleceu que o acesso ao desejo do Sujeito é somente possível através da cadeia significante do discurso na experiência analítica. Nesse sentido, é através das implicações do Sujeito no seu próprio discurso que ele se torna capaz de subjetivar sua posição de sujeição ao desejo do *Outro*, assumindo, assim, esse desejo como seu. Portanto, para a compreensão do funcionamento do discurso analítico, é crucial um entendimento da estrutura do inconsciente.

Se eu disse que o inconsciente é o discurso do Outro, foi para apontar o para-além em que se ata o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento. Em outras palavras, esse outro é o Outro invocado até mesmo por minha mentira como garantia da verdade em que ela subsiste. Nisso se observa que é com o aparecimento da linguagem que emerge a dimensão da verdade (Lacan, 1957, p. 529).

Em relação à constituição do inconsciente, Lacan elaborou que o inconsciente está estruturado como uma linguagem e se esforçou para formalizar e demonstrar como esse processo acontece e o que ele envolve. Através desta formulação, Lacan inferiu que o inconsciente está estruturado como um sistema semiótico, uma sequência de signos que podem ser postos juntos, formando um significado. Lacan também utilizou a topologia para demonstrar como esses processos de metáfora e metonímia, juntamente com a dinâmica dos significantes, acontecem no inconsciente. Segundo a conceitualização lacaniana, *S* representa o significante e *s* o significado na cadeia significante. Além disso, o uso de uma barra entre *S* e *s* indica a relação entre o significante e o significado (*S/s*) no processo metafórico. Esta barra também representa uma resistência à significação, a fim de fazer emergir um novo significado, ratificando, aprofundando, dando um sentido de verdade à mensagem do discurso. A articulação significante no processo metonímico acontece com a combinação dos significantes na cadeia, o que também permite o surgimento de um novo significado quando um significante desliza para um outro significante. Portanto, parece haver uma arbitrariedade

na relação entre o significante e o significado, pelo fato de o significante mudar constantemente de sentido. Conclui-se, dessa forma, que eles funcionam independentemente um do outro no trabalho representacional psíquico. Este descompasso entre o significante e o significado, permite o surgimento do inconsciente nos tropeços da fala ou nas intenções conscientes. Essa arbitrariedade na articulação significante mostra que o inconsciente segue regras lógicas, não cartesianas, a serem identificadas na escuta, pelo analista, da lógica da dinâmica do significante. Por isso, para investigar a trajetória do desejo do Sujeito é importante procurar as diversas expressões do inconsciente na articulação do discurso, na lógica do significante. O inconsciente é revelado através de formas diferentes nas elaborações do discurso do Sujeito na experiência analítica, como, por exemplo, por meio da narrativa dos sonhos, dos relatos dos sintomas, como também através dos chistes e atos falhos.

Sonhos e Sintomas

Sonhos e sintomas são parte dos maiores trabalhos de Freud nas suas construções sobre o conceito do inconsciente. Freud começou a formular sua teoria psicanalítica baseado nos sintomas das histéricas, e, mais tarde, através do seu trabalho sobre a interpretação dos sonhos. Assim como Freud, Lacan também explorou as manifestações do inconsciente através dos sonhos e dos sintomas, porém, a abordagem lacaniana envolveu os processos de metáfora e metonímia na cadeia significante do discurso, como já mencionado.

No seu artigo *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (1953), Lacan articulou que o sonho tem a estrutura de uma sentença por se apresentar em forma de um rébus, forma de signos, combinações de figuras que representam palavras. Por isso, a maioria dos sonhos parece ser inapreensível para o Sujeito, no sentido que suas formas são geralmente truncadas por causa da combinação de imagens e signos nas suas formações, o que parece ser surreal por vezes. Isto faz com que o Sujeito fique confuso a respeito do significado do conteúdo dos sonhos, acreditando que eles não substanciam qualquer ideia relevante. Portanto, o que é crucial na análise é o relato dos sonhos com suas construções e entendimento das intenções do Sujeito do inconsciente. Dessa forma, o importante é saber a maneira pela qual o Sujeito molda o seu discurso a fim de elucidar uma ideia ininteligível que apareceu no sonho, por exemplo.

O sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua letra, de um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quanto nos caracteres cujo uso a China conserva (Lacan, 1953, p. 268).

Para Lacan, os sintomas também estão em conformidade com o padrão linguístico do inconsciente, mas de outra forma. Diferente dos sonhos que revelam signos e imagens, a metáfora revela o sintoma em si, que aparece como uma constatação da falta que o objeto perdido deixou. O significante que representa o objeto perdido, o *objeto a causa de desejo*, é aquilo em que o objeto de desejo se transformou. Nessa perspectiva, os significantes são organizados e substituídos um pelo outro na cadeia significativa do discurso em um movimento metafórico como expressão do sintoma. Entretanto, os sintomas, diferentemente dos sonhos que são levados a criar imagens, aparecem como o efeito da manifestação dos processos inconscientes, como, por exemplo, a emergência de ideias obsessivas, fobias.

O mecanismo de duplo gatilho da metáfora é o mesmo em que se determina o sintoma no sentido analítico. Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significativa atual passa a centelha que fixa num sintoma - metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante - a significação, inacessível ao sujeito inconsciente onde ele pode se resolver (Lacan, 1957, p. 522).

O discurso analítico é crucial como via de acesso ao inconsciente do Sujeito. A interpretação dos sonhos e dos sintomas somente acontece na experiência analítica através do discurso do analisando. O discurso analítico constitui uma possibilidade de acesso ao posicionamento do Sujeito desejante.

O Discurso Analítico

As investigações de Lacan, no seu retorno a Freud, levaram-no a articular a cadeia significativa do discurso analítico a partir do conceito freudiano de associação livre. A associação livre é aquilo que confere ao conteúdo latente do inconsciente, que é geralmente

distorcido e truncado por causa da ação da metáfora e metonímia, a possibilidade de emergir no discurso por meio dos relatos dos sonhos, sintomas, e através dos chistes e atos falhos. Desta forma, as revelações do inconsciente são delineadas por meio do discurso analítico, que permite que o Sujeito se reconheça através da sua própria fala e se afine com a sua posição desejante. Para que isso ocorra, é necessário que o Sujeito se aproprie do material inconsciente que surge nas sessões analíticas e assuma responsabilidade sobre o que lhe ocorreu psiquicamente. Isto, certamente, está além de qualquer racionalização por parte do Sujeito.

O *cógito* de Descartes, “*Penso, logo existo*”, incitou em Lacan contribuições valiosas para a sua teoria dos processos inconscientes e seus desdobramentos. Segundo Lacan, o discurso analítico, que revela a verdade lógica do Sujeito, está além de qualquer ação ou intenção consciente por parte do Sujeito. O Sujeito, por ser efeito de linguagem, emerge como o advento do inconsciente, isto é, a existência do Sujeito é o resultado da formação do inconsciente. Uma vez que o inconsciente é formado por significantes e estes são elementos simbólicos relacionados aos afetos, eles não podem ser direcionados a um significado imediato. Por isso, o que surge do inconsciente não pode ser racionalizado. O inconsciente só pode ser sabido através das suas revelações no discurso analítico, de uma forma que o Sujeito assuma a consequência e a responsabilidade sobre o seu lugar de desejante, em vez de tentar justificar suas ações perante ao *Outro*. Além disso, há sempre algo no Sujeito que fica além da sua compreensão sobre si mesmo, além da ideia que ele pode formular sobre ele mesmo, pela qual ele tenta fazer uma síntese de sua pessoa através de suas construções. Por isso, de acordo com a reformulação lacaniana do *cógito* de Descartes, no lugar de “*Penso, logo existo*”, Lacan propôs, eu existo no lugar em que não há racionalização dos meus pensamentos. “*Penso, logo existo*” contradiz toda a teoria psicanalítica, pois implica que o Sujeito é o que ele constrói de si, baseado nas racionalizações de sua trama familiar.

Penso onde não sou, logo sou onde não penso. Palavras que, para qualquer ouvido atento, deixam claro com que ambiguidade de jogo-do-anel escapa de nossas garras o anel do sentido no fio verbal. O que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou brinquedo de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar (Lacan, 1957, p. 521).

Conclusão

A estrutura do inconsciente em Lacan até hoje provoca controvérsias por causa da sua estrutura complexa. Isso acontece devido ao diálogo que Lacan estabeleceu com a Linguística e, posteriormente, com a Topologia. A Linguística estrutural de Saussure, utilizada por Lacan, muito contribuiu para revelar o inconsciente, mostrando que ele segue regras lógicas a serem detectadas na escuta lógica do significante. Apesar da abordagem lacaniana sobre os processos inconscientes parecer pouco clara a princípio, sua complexidade possui o mérito de evitar brechas para possíveis banalizações e distorções sobre o conceito do inconsciente.

Contudo, há dois momentos na teoria e na clínica lacaniana. A clínica em que Lacan privilegiou a lógica do significante nos processos inconscientes foi parte de sua primeira abordagem do conceito de inconsciente em Freud. A partir de 1970, uma segunda clínica começa a surgir em Lacan, conhecida como a clínica do real ou borromeana. Nesse momento, Lacan voltou-se mais à topologia e à formalização dos gráficos na sua teoria em decorrência da impossibilidade de uma nomeação. Nessa segunda clínica, Lacan não busca mais um acréscimo de saber sobre o não sabido, ou seja, acréscimo de saber sobre a verdade lógica do Sujeito ao longo da experiência analítica, porque ele concluiu que há sempre um limite na compreensão, aquilo que escapa o entendimento. O que está em questão na segunda clínica, então, é o limite do saber e o saber fazer (*savoir faire*) com o inconsciente, com o não sabido, e não mais o seu acréscimo, que está do lado do fazer saber (*faire savoir*) sobre a verdade do Sujeito. Porém, uma clínica não substitui a outra, elas se complementam, pois a linguagem não deixa de ocupar um lugar central na clínica lacaniana, seja na primeira como na segunda clínica. A diferença maior é que na segunda clínica Lacan voltou-se para o além da palavra, o indizível, “*o que não tem nome, nem nunca terá*”.

Referências

BREUER, J.; FREUD, S. (1893). Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Comunicação Preliminar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. II.

FREUD, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. IV.

_____. (1901). Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. VI.

_____. (1905). O Chiste e sua Relação com o Inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira*

das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. VIII.

_____. (1915). “O inconsciente”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIV.

JAKOBSON, R. (1956). “*Dois Aspectos da Linguagem e dois Tipos de Afasia*”; *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.

LACAN, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1957). “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1958). *O seminário, livro 5, as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1960). “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1960). “Posição do inconsciente”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAUSSURE, F. (1915). *Curso de Lingüística Geral*. 10 ed. São Paulo: Cultrix.

THE LACANIAN UNCONSCIOUS

ABSTRACT:

This paper presents the structure of the Lacanian unconscious since its formation with the advent of the desiring Subject, to its developments in the Subject's life. In doing so, it seeks to establish the influence of the Freudian concept of the unconscious and concepts of Linguistics in Lacan's formulations. In this way, it conveys the relation between the Freudian unconscious mechanisms of condensation/displacement and ideational representatives coupled with the linguistic concepts of metaphor/metonymy and signifier/signified in order to show Lacan's formalizations on his concept of the unconscious. The paper discusses how this relation rendered a new configuration to the concept of the unconscious in Freud, enabling a broader view of the unconscious processes in the Subject's life.

KEYWORDS: Unconscious. Lacan. Freud. Linguistics. Subject.

L'INCONSCIENT LACANIEN

RÉSUMÉ:

L'article discute la structure de l'inconscient lacanien, de sa formation concomitante à l'arrivée du Sujet désirant, en passant par ses développements tout au long de la vie du Sujet. L'article tente de montrer l'influence non seulement du concept freudien de l'inconscient, mais aussi des concepts de linguistique dans les formulations lacaniennes. Il établit ainsi un lien entre, d'une part, les mécanismes inconscients freudien de condensation, déplacement et de représentants idéationnels et, d'autre part, les concepts linguistiques de métaphore/métonymie et de signifiant/signifié et ce, afin de montrer la façon dont Lacan est arrivé à son concept de l'inconscient. C'est cette relation qui a permis une nouvelle configuration du concept de l'inconscient freudien, offrant ainsi une vision plus large des processus inconscients dans la vie du Sujet.

MOTS-CLÉS: Inconscient. Lacan. Freud. Linguistique. Sujet.

Recebido em: 21/03/2012

Aprovado em: 10/04/2012

©2012 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista